

Vida Universitaria

Homenagem ao Professor Cristiano Fischer

Os alunos da segunda série de 1937 prestaram uma comovente homenagem ao professor Cristiano Fischer pelo seu afastamento da cadeira de química, em virtude de aposentadoria. Constatou-se na ereção de um quadro a óleo feito por exímio artista desta capital, na sala em que o Prof. Cristiano Fischer costumava fazer as suas preleções.

Presentes o diretor da Faculdade, varios catedráticos, livre-docentes e muitos estudantes, o diretor da Faculdade tomou a palavra e disse dos motivos daquela reunião festiva. Historiou a vida professoral do prof. Cristiano Fischer, fez os elogios mais justos á sua pessoa, terminando por estimular a mocidade no sentido de imitar as qualidades e virtudes praticadas pelo velho mestre. Em seguida levantou-se o dr. Mario Bernd, que proferiu um discurso, cuja integra damos abaixo. O professor Cristiano Fischer, que se achava acompanhado por pessoas de sua família, respondeu extremamente sensibilizado á manifestação que os estudantes lhe faziam e ás expressões dos oradores.

Falou com calor na dedicação que sempre votára ao engrandecimento da Escola. E si agora dela se afastava, era por um imperativo de lei. As últimas palavras do insigne mestre foram cobertas por uma salva de palmas, tendo sido, outrossim, muito aplaudidos os discursos já mencionados. A seguir os estudantes convidaram os presentes a passarem para um salão lateral e contiguo, onde foram servidos frios, doces e champagne.

Passaram-se várias horas de animada palestra entre os estudantes e o mestre querido, tendo aqueles por várias vezes erguido brindes e vivas á pessoa eminente de Cristiano Fischer, acompanhando-o após até sua residência.

DISCURSO DO DR. MARIO BERND

Excelso Professor Cristiano Fischer!

Não devêra a modestia minha pretender bosquejar sequer a altíssima significação deste áto sublime.

Como iria, porém, resistir a estes

Moços que sois as peregrinas flôres

Dêste deserto lácrimoso e rudo

Donde banís os tetricos horrores

Pondo um sorriso côr de rosa em tudo!

Moços! que tendes na alma os horizontes

Da bela aurora boreal da vida

Argonautas do ideal que levais o branco pensamento fito
no eterno velocino do infinito,
que tendes na alma a razão que vos persuade
e Deus a vos sorrir na Eternidade!

A mocidade é o genio coletivo, a clarividência dos predestinados, porque vibra pelas cousas alevantadas.

Professor Fischer!

Quasi estou a cantar com Melibeu ao se dirigir a Titiro: "Fortunate senex!" "O terque quaterque beate!" — Afortunado ancião! Três e quatro vezes feliz!

A mocidade vai a seu encontro mancheias das rosas do Helicão, das fôlhas de louro e do carvalho imortal. Si a juventude se acha bem a seu lado é porque sintoniza com seus sentimentos de entusiasmo jovem, com as louçanias de seu espírito moço, com os ideais de sua formosa vida iluminada sempre pela estrêla dalva do bem e da verdade!

A sua personalidade neste particular, Professor Fischer, faz-me lembrar a a figura empolgante de Dieulafoy, o sábio de cabelos de neve e coração vulcânico, pelo arroubo, pelo viço, pela pujança de sua vivacidade que sente, vibra e freme com os seus próprios alunos.

Quando eu tive o prazer de lhe ouvir as preleções, comentava com o meu condiscípulo e amigo Raul Bitencourt a impressão de suas aulas.

Sem querer desfazer nos outros catedráticos, sentíamos que o Snr. se apaixonava pela química, porque a percebia profundamente.

E daí aquele ésto, aquele entusiasmo contagiante que instilava em nossa consciência.

Já de outra feita externára-me sôbre solenidades como esta, firzando ser, em tése, contrário a homenagens de ordem permanente, dada a versatilidade do coração humano.

Porém, quando uma vida toda é um poema heróico, uma estatua que a pouco e pouco vai aparecendo gloriosa sob o cinzel de uma inteligência de escol e sob o escopro de uma vontade invejável, nós diríamos: Professor Fischer, o bronze pleiteia a posse de seus traços, a Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre anseia simbolizá-lo imperecivelmente com admiração incontida e como um fanal inextinguível para todas as gerações!

A mocidade tem o dom divinatório em suas atitudes. Os seus moveis espirituais calcam-se sempre na justiça.

Demais, todos os moços que passaram e passam por esta Escola convenceram-se de que entre o Snr. e êles não medeava um abismo, mas ao contrário os liames da amizade mais desinteressada, sem que o respeito devido á catedra sofresse o menor detrimento. Essa camaradagem sã, traduzia, por um lado, a segurança de seus conhecimentos e, por outro, a perene exuberância de seu espírito, vista como irmã gemea ou reflexo dessa primavera azul que são os estudantes.

Recordo-me comovido, querido mestre, como me amparou nessa quadra ditosa da vida. Nem era acadêmico. Nem o Snr. me conhecia.

Nada possuía nem havia que me ligasse com o Snr. No entanto, sem visar qualquer lucro, os benefícios que me prestou, pelo empenho, pelo esforço, pela preocupação revelados, só um pai os faz para um filho.

Conseguida minha penetração na Faculdade, apesar-de importuná-lo sempre com perguntas, jámais perdeu a paciência, ministrando-me livros, revistas etc. que satisfaziam minha curiosidade científica. E a sua benevolência chegou ao auge, quando quis coroar minha aplicação com nota distinta no exame final de química fisiológica, a única que houve nesse ano.

Fazia-me ao depois sugestões científicas. E de fato cheguei a realizar experiências "*in anima vili*" sob sua orientação. E si elas foram contestadas pretensamente, pude por outro lado reduzir o impertinente ao mutismo esfacelar, estribado como estava nos argumentos copiosos e indestrutíveis do mestre insigne.

Como disse, esta maneira fidalga de me tratar do nosso homenageado, não era personalística, era supramaterial, porque nenhuma credencial havia que o levasse a proceder destarte. Via em mim um estudante desvalido que desejo imenso tinha de aprender.

Isso que o Snr. fez por mim, o teria feito por outro qualquer. E que quantidade infinda de médicos e outros seus antigos discípulos não estão usufruindo os favores longínquos de sua mão dadivosa e discreta, os lampejos de seus conselhos ressucitantes no carreiro cada vez mais ingreme e pedregulhoso da vida estudantil?!

A dedicação pela ciência, pela sua especialidade atinge as raias de um rito. Não há livro moderno de bioquímica que lhe seja desconhecido. Ao par das novidades, sabe ao mesmo tempo separar o joio do trigo, justificando a sua opinião em motivos claros e precisos.

E esta Faculdade que hoje se eleva alterosa com o seu cimo já entre as nuvens de incenso da fama nacional e estrangeira, encontrou no Snr. a sua pedra angular.

E dessa pedra angular parece que jorra sem cessar uma fonte de castalia. Como é que daquele grãozinho de mostarda surgiu este baobá frondoso e gigantesco?

— Porque encontrou um solo feracíssimo, um terreno uberrimo amanhado dia por dia, hora por hora, com a agua da renúncia e o alvião do sacrifício incomensurado de seu protetor.

E si evocarmos neste momento aqueles companheiros de cruzada, não podemos silenciar o nome de Sarmento Leite que muita vez me falou de seu desprendimento sem limites e voluntariamente escondido pelo Snr., caro mestre!

Mas onde ir buscar explicação para tanta constância em bem servir aos mais altos ideais?

Não precisamos ir muito longe. O Snr. mesmo faz questão em dizê-lo. São suas convicções filosóficas. E' a sua fé esclarecida e inquebrantável como a de um Ampère, de um Dupuytren, de um Pasteur, de um Miguel Couto...

Lembro-me neste momento do trespasse doloroso de seu caçula, há uns anos. Êle bem podia estar agora no doce enlevo de seu carinho

e do nosso afeto, mas está em nossa grande saúde. Quais foram as suas palavras nesse transe angustiosissimo?

Foram dignas do Snr! Dessas almas de rija tempera que contemplam o mundo desde os horizontes infinitos da Eternidade:

“Com a perda de meu filho tratei de mais e mais me aproximar de Deus, desprezando tudo o que me podia ainda impedir uma união mais íntima com Ele.

Venturosa família que mereceu chefe tão magnânimo!

Estereótipo do estudo e da ciência, da pesquisa e do ensino, da dedicação e da renúncia, da luta e da vitória, constitue a sua effigie nesta casa, caro mestre, um signo de incitamento para o engrandecer de nós mesmos, da Faculdade, do Rio Grande e da Pátria!

Para a tosse e suas funestas
consequencias, azar sómente

Peitoral de Angico Pelotense

E' tiro e queda.

Deposito: Laboratorio Peitoral de Angico Pelotense, Pelotas